

Além da cultura nacional: o expatriado no futebol

Beyond national culture: the expatriate in soccer

BRANDÃO MRF, MAGNANI A, TEGA E, MEDINA JP. Além da cultura nacional: o expatriado no futebol. **R. bras. Ci. e Mov** 2013;21(2): 177-182.

Maria Regina Ferreira Brandão¹
Aline Magnani¹
Eduardo Tega²
João Paulo Medina²

¹Universidade São Judas Tadeu

²Universidade do Futebol

RESUMO: O objetivo do presente texto é descrever o processo de expatriação de jogadores de futebol para outro país, analisar as dificuldades no processo de aculturação, fazer uma análise da psicologia intercultural como uma promissora perspectiva para o futebol e, mostrar os estudos interculturais no futebol feitos no Brasil. Com a globalização do esporte a cada ano o número de jogadores de futebol que joga em outro país que não o seu de origem chega aos milhares. Entretanto, a transição para jogar em outro país é uma questão complexa e, muitas vezes, problemática que infelizmente não tem sido considerada pelos jogadores, seus empresários ou clubes de futebol. A habilidade para se adaptar a novas culturas é um dos elementos mais importantes para o sucesso de um jogador de futebol expatriado. Morar em outro país é ter que se acostumar com outra língua, outra cultura, outro clima e, muitas vezes, com a distância da família, é ter que se estabelecer rapidamente no novo país e começar a jogar por uma equipe formada por jogadores e técnico desconhecidos. Além do mais, perspectivas irreais sobre a nova equipe associadas com uma carência de informações sobre o país podem criar problemas reais. Compreender as características da expatriação no esporte, fenômeno cada vez mais frequente, é crucial para o entendimento do sucesso ou do fracasso profissional de jogadores que vão jogar no exterior.

Palavras-chave: Cultura; Futebol; Aculturação; Psicologia.

ABSTRACT: The aim of this paper is to describe the process of expatriation of soccer players to another country, analyze the difficulties in the process of acculturation, to analyze the cross-cultural psychology as a promising prospect for football and show the intercultural studies done in soccer in Brazil. With the globalization of sport every year thousands of soccer players are playing in another country than their country of birth. However, the transition to playing in another country is a complex and often problematic issue which unfortunately has not been considered by the players, their managers or football clubs. The ability to adapt to a new cultures is one of the most important elements for the success of a soccer player expatriate. Living in another country is to deal with another language, another culture, another climate and often away with the family, to quickly adapted to the new country and start playing for a unknown team of players. Besides this, unreal perspectives on the new team associated with a lack of information about the country can create real problems. Understanding the characteristics of expatriation in sport, a phenomenon increasingly common, is crucial to understanding the success or failure of professional players who will play overseas.

Key Words: Culture; Soccer; Acculturation; Psychology.

Enviado em: 28/06/2013

Aceito em: 29/06/2013

Contato: mrfbrandao@gmail.com

Com a globalização do esporte a cada ano o número de jogadores de futebol que joga em outro país que não o seu de origem chega aos milhares. Somente o futebol profissional brasileiro contemporâneo “exportou” no ano de 2010, 1029 jogadores para equipes de países estrangeiros (CBF – Confederação Brasileira de Futebol). De acordo com a própria CBF desse total de jogadores expatriados, 683 regressaram ao Brasil antes do final do primeiro ano, ou seja, 66% dos jogadores. Esses números levam a alguns questionamentos: O que acontece com um atleta quando sai de seu país para jogar em outro culturalmente diverso? Estariam os dirigentes, gestores, técnicos, agentes, empresários e os próprios jogadores de futebol e seus familiares preparados para esta empreitada? Estariam os psicólogos do esporte capacitados para compreender o processo de expatriação e seus desafios, a trabalhar com atletas de outras culturas ou mesmo preparados para ajudar no processo de adaptação desses atletas a uma cultura não-familiar? Observações e evidências nos indicam que a resposta para essas questões é não. Assim, compreender as características da expatriação no esporte, fenômeno cada vez mais frequente, é crucial para o entendimento do sucesso ou do fracasso profissional de jogadores que vão jogar no exterior.

O processo de expatriação de jogadores brasileiros para outro país

No Brasil, talvez poucas coisas sejam tão significativas para a construção da identidade nacional quanto o futebol¹. Conhecido com a “pátria de chuteiras”, não há dúvidas de que o futebol, do modo como é teorizado, discutido, vivido e praticado é considerado um modo específico pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se e se deixa descobrir². Neste contexto de prática torna-se possível, não só perceber as questões inerentes ao futebol brasileiro de maneira geral, como observar movimentos mais amplos da dinâmica social em suas múltiplas esferas e compreender os processos interculturais no futebol³.

O futebol chegou ao Brasil em 1880 juntamente com os ingleses que escoltavam a família real portuguesa que fugia de Napoleão Bonaparte. Enquanto fenômeno de massa, o futebol consolidou-se no Brasil a partir da fundação dos primeiros clubes de futebol no início de 1900 e se difundiu pela população brasileira de tal forma que Mira y Lopes & da Silva em 1969 já o caracterizavam como uma riqueza nacional tal qual o café, o carro, o boi, a laranja ou o automóvel, um produto de consumo interno e de exportação, fazedor de dólares e de divisas. Hoje o futebol é protegido pela Constituição Brasileira como patrimônio cultural do povo brasileiro⁴.

No mercado de transferências internacionais do futebol mundial o Brasil aparece como um dos principais protagonistas e, isso se deve, ao domínio no campo futebolístico que resultou em uma valorização de seus jogadores no mercado exterior e consequente instauração de um fluxo migratório constante, especialmente para Europa e Ásia⁵. Esse fluxo migratório representa um importante aporte financeiro para os clubes de futebol e tem um significado simbólico considerável. Jogar no exterior é a realização de um sonho para a imensa maioria dos jogadores, além de uma forma de ascenderem socialmente, graças ao talento demonstrado nos campos de futebol. Os torcedores, a imprensa e os dirigentes veem uma transferência para o exterior como uma vitória do jogador em sua carreira.

Os atletas brasileiros não são preparados para recomençar a carreira em um lugar desconhecido, não se acostumam ao novo país, sentem falta de casa, gerando, com isso, um grande número de repatriados. A habilidade para se adaptar a novas culturas é um dos elementos mais importantes para o sucesso de um jogador de futebol expatriado. Morar em outro país é ter que se acostumar com outra língua, outra cultura, outro clima e, muitas vezes, com a distância da família, é ter que se estabelecer rapidamente no novo país e começar a jogar por uma equipe formada por jogadores e técnico desconhecidos. Além do mais, perspectivas irreais sobre

a nova equipe associadas com uma carência de informações sobre o país podem criar problemas reais.

O idioma diferente também tem sido apontado como o grande vilão dos problemas de adaptação dos jogadores brasileiros. É importante lembrar que os valores, as normas, as crenças e os padrões comportamentais, além dos fatores políticos, econômicos e históricos podem ser significativamente diferentes entre os países, portanto, quanto maior for a distância em termos de crenças, valores, background e idioma entre o país de origem e o país de transferência, mais difícil será a adaptação, o ajustamento e o estabelecimento de relações sociais adequadas, sobretudo em países que são ameaçados por guerras ou que possuem uma cultura religiosa muito rígida. O expatriado pode se sentir emocionalmente desconfortável, mentalmente exausto e fisiologicamente estressado, apresentar problemas físicos, distúrbios do apetite e do sono, ficar ansioso, deprimido, triste, etc. Esse quadro traz como consequência uma menor efetividade em sua vida pessoal e profissional.

Pesquisadores clássicos da psicologia intercultural sugerem que muitos desses sintomas são, em parte, função do estresse induzido pelas expectativas e pelas incertezas em relação à nova cultura^{6,7}.

Diferentes pesquisas têm indicado que as esposas são o maior fator de sucesso ou fracasso dos expatriados^{8,9}. Enquanto os expatriados se adaptam e criam redes sociais no novo trabalho, as esposas quase sempre ficam socialmente isoladas porque muitas não trabalham.

Psicologia intercultural, uma promissora perspectiva para o esporte.

A emergência dos estudos interculturais no esporte é nascente, mas promissora. Experiências internacionais oferecem aos atletas não só a possibilidade de jogar em equipes de outros países, mas também a oportunidade de interação entre atletas com diferentes backgrounds culturais e étnicos e de conhecerem diferentes valores, crenças e normas culturais. Entretanto, essa interação pode ser difícil

tanto para os jogadores quanto para os clubes porque as barreiras culturais quase sempre causam mal entendidos e conflitos que diminuem a efetividade e qualidade de jogo do atleta.

Uma das ferramentas até então pouco conhecida no Brasil para a análise da expatriação no esporte é a psicologia intercultural que busca compreender o processo psicológico de viver em uma cultura diversa da sua de origem e preconiza que o contato entre culturas diferentes pode ser classificado em duas categorias: aquele que ocorre entre os residentes de uma nação culturalmente diversa caso, por exemplo, do Brasil, e aquele que ocorre quando um indivíduo de uma sociedade viaja para outro país com um objetivo em particular, trabalhar, estudar, jogar, etc.¹⁰. Nesse texto nos referimos particularmente ao segundo caso e usamos o termo expatriado para descrever o atleta que viaja temporariamente para outra cultura, o que o torna diferente do imigrante.

Sabe-se que por mais voluntária e consciente que a decisão da mudança para outro país seja tomada pelo indivíduo há a necessidade de adaptações tanto no campo de trabalho como em outras áreas da vida e essas adaptações são fundamentais para ter sucesso em um ambiente intercultural¹¹.

O interesse em compreender porque alguns operam de forma efetiva e outros não em um contexto cultural tem ganhado importância. A globalização no campo do trabalho em diferentes áreas fez surgir o conceito de inteligência cultural que é definida como a capacidade de um indivíduo para entender e agir corretamente em um novo ambiente cultural¹². De acordo com os autores a inteligência cultural é um conceito multidimensional que inclui aspectos *metacognitivos*, relacionados à tomada de consciência do processo de expatriação e das competências necessárias para a realização da tarefa; *cognitivos*, relacionados ao conhecimento cultural sobre as normas, práticas e convenções do novo país; *motivacionais*, capacidade para dirigir a atenção e manter a energia frente às diferenças culturais, e *comportamentais*, capacidade para exibir comportamentos verbais e não-

verbais apropriados baseados nos valores culturais de um dado ambiente.

Estudos de sugerem que determinadas habilidades psicológicas são preditoras do sucesso do expatriado das quais se destacam a autoeficácia social, a extroversão, a estabilidade emocional, a empatia, a flexibilidade, a tolerância, a autoconfiança, o otimismo, a independência, as habilidades de comunicação e a iniciativa. De acordo com os autores esse “set” de habilidades psicológicas facilita o processo de aculturação, processo no qual o indivíduo é socializado em uma nova cultura. Quanto maior a aculturação, mais a linguagem, costumes, atitudes e comportamentos da cultura predominante são adotado^{13, 14, 15, 16}.

Fracassos na adaptação ao exterior podem ser originados de quatro causas das quais a mais determinante é a inabilidade das esposas e filhos para se adaptarem a nova cultura. As demais causas são: o indivíduo não ter as qualidades psicológicas necessárias para o processo de expatriação, um treinamento deficiente sobre os aspectos culturais que irão enfrentar no novo país, e uma ajuda inadequada ou inexistente durante o processo de expatriação. As implicações do não entendimento das possíveis dificuldades que um expatriado e sua família podem ter no exterior podem ser custosas, uma vez que, podem implicar em problemas de ordem emocional, desempenhos fracos e retorno prematuro^{17, 18, 19}.

A estrutura da curva U tem sido utilizada para descrever os estágios pelos quais o expatriado passa durante o processo de ajustamento intercultural e mostra que há um entendimento progressivo da nova cultura e da qualidade de vida²⁰. O primeiro estágio é o denominado “lua de mel” e acontece no início da chegada ao novo país. Esse é um estágio no qual para o expatriado a nova cultura tende a ser interpretada como interessante e aventureira. O segundo estágio começa quando tem que lidar com a realidade da vida do dia a dia e as dificuldades associadas a isso. Esse é o estágio do “choque cultural”, caracterizado por frustração e problemas emocionais. O terceiro estágio é o período de ajustamento no qual gradualmente se adapta a nova

cultura, aceita suas normas e valores e começa a viver de forma ajustada. Finalmente, no quarto estágio, denominado de “maestria” é capaz de viver normalmente e funcionar de forma apropriada na nova cultura. O grau de ajustamento é medido não pela conformidade à nova cultura, mas em termos de satisfação com o novo ambiente, contatos com nativos, enfrentamento das dificuldades e alcance dos objetivos propostos^{21, 22, 23}.

O fato de termos mais de mil jogadores de futebol saindo anualmente no Brasil para continuar (em alguns casos, para iniciar) a sua carreira profissional e mais da metade voltando, antes de completar um ano de contrato, geralmente frustrados e desiludidos, é a senha para que algo seja feito no sentido de melhor prepará-los para os desafios que vão enfrentar.

A preparação ou treinamento desse público passa por uma ampla compreensão sobre o atual sistema educacional, formal e informal, ao qual são submetidos. Nesse aspecto, ambiente cultural, classe social, valores familiares e regionais, condições de ensino são alguns dos pilares que devem ser compreendidos antes de se desenvolver as ações que redundarão em resultados práticos consistentes. Mas isso não pode ser tratado de forma apenas intuitiva. É patético, a propósito, o fato observado corriqueiramente em nosso país de se orientar os candidatos a se tornarem craques no exterior para o aprendizado do idioma inglês quando mal conseguem se expressar em sua própria língua materna, o português.

Não existe um modelo standardizado de treinamento intercultural específico para o futebol assim, podemos nos perguntar como ele poderia ser feito. O treinamento intercultural deve ser um processo que almeje trazer mudanças cognitivas, afetivas e comportamentais ao expatriado e sua família. Para tanto, é necessário se determinar as características da organização, o contexto cultural na qual está inserida, as necessidades especiais que os expatriados devem ter para se adaptar àquela cultura, e suas competências atuais. Além do mais, devem ser estabelecidas metas e medidas para se determinar a eficácia do treinamento²⁴.

Recomenda-se que o treinamento intercultural comece antes mesmo da ida do expatriado para o novo país, com o objetivo de iniciar um processo antecipatório de adaptação à nova cultura, que priorize o ajuste do “set” de habilidades psicológicas para enfrentar a diversidade cultural e incluir o conhecimento de alguns aspectos da nova cultura, tais como comida, vestuário, religião, regras de relacionamento social, sistema político, momento político, etc. e focar especialmente nos aspectos que irão enfrentar no dia a dia a partir do momento em que chegarem ao novo país. Na chegada ao país, o expatriado e a sua família devem receber um suporte social forte do clube anfitrião para ajudá-los a lidar com aspectos cotidianos básicos como moradia, escola, e compras e também a introdução da família em atividades de lazer, sociais, e culturais.

Ao longo dos últimos vinte anos o estudo do indivíduo expatriado tem crescido substancialmente e procurado entender quais são os aspectos que estão por trás da adaptação a uma nova cultura, o papel da família e dos gestores nesse processo e formas de treinamento intercultural. Embora o número de atletas que se transferem para jogar em outros países seja muito grande, poucos são os estudos que tem investigado o fenômeno da expatriação no esporte em geral e no futebol em particular de forma empírica e teórica. Com isso, há uma carência básica no conhecimento sobre quais são as variáveis relevantes da aculturação do atleta expatriado e o uso apropriado de métodos de treinamento.

É importante lembrar que os valores, as normas, as crenças e os padrões comportamentais, além dos fatores políticos, econômicos e históricos podem ter diferenças significativas entre os países. No esporte, esses fatores podem interferir na forma e qualidade de seu relacionamento com a equipe, no seu padrão de comunicação e na forma de se desempenhar o que pode levar a conflitos interpessoais e interferir na sua efetividade enquanto atleta.

Além do mais, levar em conta fatores que tenham uma relação direta com as características impostas aos sujeitos por sua cultura poderá permitir aos

pesquisadores e psicólogos do esporte terem um entendimento mais crítico sobre as experiências vivenciadas e a elaboração de estratégias psicológicas mais adequadas. Isso se refletirá nos sistemas de preparação psicológica, nos conteúdos das mesmas e, nas técnicas de intervenção utilizadas.

Referências

1. Guazzelli, CAB. 500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. **Anos 90** (UFRGS) 2000; 13: 21-50.
2. DaMatta, R. **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.
3. Brandão, MRF, Vieira, LF. Athletes' Careers in Brazil: Research and application in the land of ginga. In: Stambulova, N, Ryba, T (Eds). **Athletes' Careers across Cultures**, New York (NY): Routledge, 2013; p.43-52.
4. Brandão, M R F. **Fatores de estresse em jogadores de futebol profissional**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, São Paulo, Brasil, 2000.
5. Rial, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos** 2008; 14: 21-65.
6. Gullahorn, JT, Gullahorn, JE. An extension of the U-curve hypothesis. **Journal of Social Issues** 1963; 19: 33-47.
7. Torbion, I. Living abroad. New York (NY): Wiley, 1982.
8. Black, JS, Gregersen, HB. The right way to manage expats. **Harv Bus Rev** 1999; 77:52-63.
9. Harris, P, Moran, R. **Managing cultural differences**. Houston (TE): Gulf Publishing, 1991.
10. Mendenhall, M, Oddou, G. The dimensions of expatriate acculturation: a review. **Acad Manage Rev** 1985; 10: 39-47.
11. Kawauchi, S. **El impacto del cambio de país vivido por los deportistas brasileños de élite que actúan en España (un estudio de transición de carrera deportiva)**. Dissertação de mestrado, Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona, Espanha, 2010.
12. Earley, C, Ang, S. **Cultural intelligence: Individual interactions across cultures** Stanford (CA): Stanford Business Books, 2003.
13. Downes, M, Varner, I, Hemmasi, M. Individual profiles as predictors of expatriate effectiveness. **Competitiveness Review** 2010; 20: 235-247.

14. Andreason, AW. Expatriate adjustment to foreign assignments. **International Journal of Commerce & Management** 2003; 13: 42-60.
15. Kara, A. Ethnicity and consumer choice: a study of Hispanic decision processes across different acculturation levels. **Journal of Applied Business Research** 1996; 12: 22-35.
16. Gertsen, M. Intercultural competences and expatriates. **International Journal of Human Resource Management** 1990; 1: 341-362.
17. Avril, A B, Magnini, VP. A Holistic Approach to Expatriate Success. **International Journal of Contemporary Hospitality Management** 2007; 19: 53-63.
18. Hung-Wen, L. Factors that Influence Expatriate Failure: An Interview Study. **International Journal of Management** [periódico na internet]. 2010. Disponível em http://findarticles.com/p/articles/mi_qa5440/is_200709/ai_n21295139
19. Vaughn, RLM. **The enculturation of professional athletes in European countries: Results obtained from sporting agency**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Arkansas, Estados Unidos, 2008.
20. Ching-Hsiang, L, Hung-Wen, L. A proposed model of expatriates in multinational corporations. **Cross Cultural Management** 2008, 15: 176-193.
21. Black, S, Mendenhall, M. Cross-cultural training effectiveness: a review and theoretical framework for future research. **Acad Manage Rev.** 1990, 15: 113-136.
22. Gammel, D. **Cross-cultural training and international assignments** [periódico na internet]. 1998. Disponível em <http://highcontext.com/Articles/srp/TableofContents.php>
23. Sussman, NM. Sojourners to another country: the psychological roller-coaster of cultural transitions. **Online Reading in Psychology and Culture** [periódico na internet]. 2002; 8:1. Disponível em <http://scholarworks.gvsu.edu/orpc/vol8/iss1/1>
24. Harzing, AW, Van Ruysseveldt, J. **International Human Resource Management: An integrate approach**. Thousand Oaks, CA: Sage, 2003.